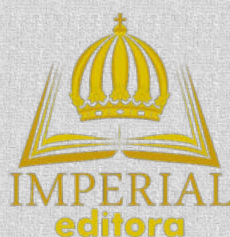


# Partiu, Orum!

Experiências docentes a partir de narrativas  
da Cultura Iorubá

Daniele Rodrigues  
Moreira

Planos de aula + Jogo



Rio de Janeiro, 2024



# **PARTIU, ORUM!**

Planos de aula + Jogo



Daniele Rodrigues Moreira

# PARTIU, ORUM!

Planos de aula + Jogo

Experiências docentes a partir de  
narrativas da Cultura Iorubá

1ª edição



Rio de Janeiro, 2024

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M838 Moreira, Daniele Rodrigues

Partiu, Orum! : experiências docentes a partir de narrativas da Cultura Iorubá : planos de aula + jogo / Daniele Rodrigues Moreira ; [Carolina Lima Vilela] ; Projeto gráfico do miolo e capa: André Rocha de Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2024.

50 p.

ISBN: 978-65-5930-131-7.

1. Educação étnico-racial. 2. Relações étnico-raciais. 3. Educação decolonial. 4. Colonialidade. 5. Iorubá (Povo africano). 6. Mitologia africana. 7. Cultura africana. 8. Saberes africanos. I. Vilela, Carolina Lima. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Daniele Rodrigues Moreira

1ª edição - 2024

Projeto gráfico do miolo e capa: André Rocha de Oliveira

## Resumo

O Produto Educacional (PE) “Partiu, Orum!” está vinculado à dissertação de mestrado intitulada “Novas contações de mundo: o uso de narrativas míticas iorubás no ensino fundamental” e apresenta uma proposta de educação voltada para a decolonialidade. Este PE é composto por um caderno de atividades de experiência docentes, que foram objeto da pesquisa aqui citada. Esta consistiu em realizar e aplicar planos de aulas em que as narrativas dos orixás do panteão iorubá foram acessadas para oportunizar novas perspectivas de elaboração de planos de aulas para diferentes disciplinas do ensino fundamental. Deste modo, temos em nosso produto sugestões de atividades a serem realizadas a partir de experiências de práticas afrorreferenciadas. O PE traz ainda o processo de elaboração de um jogo de tabuleiro onde através de pistas, busca-se identificar os orixás presentes nas cartas do jogo e caminhar nas etapas do tabuleiro. É um produto produzido elaborado para o uso de professores com seus alunos em sala com o objetivo de promover formas outras de aprendizagem, que não apenas àquelas impostas pela colonialidade, é ainda uma proposta de promover diálogo entre diferentes saberes e formas de ver e explicar o mundo.

**Palavras-chave:** Decolonial; Práticas docentes; Iorubá.



# Sumário

Partiu, Orum!.....	7
Letramento Racial Docente, você sabe o que é?.....	8
Ludicidade enquanto valor civilizatório e aplicabilidade do Produto Educacional.....	9
E quem seriam os Orixás?.....	10
O uso das narrativas Iorubás.....	11
Sequências Didáticas.....	12
<i>Matemática   6º ano</i> .....	13
<i>Ciências   7º ano</i> .....	19
<i>Ciências   9º ano</i> .....	22
<i>Geografia   9º ano</i> .....	26
<i>História   8º ano</i> .....	30
<i>Língua Portuguesa   6º ano</i> .....	35
O jogo.....	38
<i>Partiu, Orum!</i> .....	39
Processo de Produção.....	45
Considerações Finais.....	50



Queridos docentes!

## Partiu, Orum!

É um produto sonhado e realizado com muito afeto.

Totalmente ilustrado pelas alunas do nono ano do Ensino Fundamental. Alunas que já no início desta pesquisa, em 2023, propuseram-se a conhecer mais sobre as narrativas da cultura Iorubá.

O caderno de atividades é fruto de uma parceria entre docentes que disseram sim ao convite de participar da pesquisa de mestrado **Novas contações de mundo: o uso de narrativas míticas Iorubás no Ensino Fundamental**.

É um convite a caminhar pela sabedoria ancestral a partir dos Orixás do panteão Iorubá, partindo do conhecimento presente nos Itãs.

Os Itãs são narrativas da cultura Iorubá que foram transmitidas oralmente ao longo dos tempos como maneira de narrar as formas de existir e compreender a existência do povo africano. Essas narrativas são contadas a partir de histórias sobre os Orixás e carregam em seu cerne uma série de ensinamentos e valores que orientam as vivências de geração em geração.

O uso dessas narrativas em sala de aula permite ouvir vozes silenciadas pela colonialidade, que, ao longo de nossa história, não permitiu que as acessássemos, durante nossa formação, como os saberes e valores que de fato são.



## Letramento Racial Docente, você sabe o que é?

O estudo do Letramento Racial Crítico pode contribuir para o surgimento de identidades mais comprometidas com a superação histórica das desvantagens, à medida que os indivíduos entendem o funcionamento das relações de poder e dos discursos, aprendem a respeitar sua história, identidade e coletivamente buscam meios para que uma sociedade mais justa e igualitária seja possível (Lopes; Lacerda, 2019, p. 103).

Quando se apresenta um mapa mundial em uma perspectiva que reforça a Europa como centro do mundo e não contextualiza ou apresenta outra perspectiva. Quando se apresenta a ciência e só há referenciais de cientistas brancos. Quando se apresenta a história do africano que só existe depois do europeu e desconsidera os povos e reinos de Congo, Songai, Mali e Iorubá. Essas abordagens reforçam estereótipos e ferem subjetividades.

Precisamos pensar em um ensinar que traga junto aos componentes curriculares abordagens contextualizadas, críticas e racializadas. Na verdade, sempre foi preciso!

Diante dessas observações e dos dados analisados, destacamos que a necessidade de um letramento racial crítico fica evidente. Segundo Aparecida (2019), “Letramento racial crítico é uma corrente dos letramentos que se propõe a estudar e entender como as relações de poder são engendradas para modelar as identidades de raça e como essas identidades atuam no seio das sociedades.” Espera-se que, no processo de letrar, os docentes consigam lidar adequadamente com as situações de poder derivadas da estrutura racial em que nossa nação se constituiu e, ao problematizar essas questões, caminhem em busca de soluções práticas que corroborem uma educação que seja significativa, representativa e trate com coerência as questões ligadas à diversidade de nossa sociedade.

Acessar as narrativas da cultura iorubá é um passo inicial proposto aos docentes com o objetivo de pensar uma pedagogia com perspectiva decolonial.

# Ludicidade enquanto valor civilizatório e aplicabilidade do Produto Educacional

A ludicidade, a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida. Se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé. (Da Trindade, 2005, p. 34).

Nosso produto traz uma proposta lúdica para dentro da sala de aula e busca atender a diferentes disciplinas. Contudo, é importante que o docente que vier a fazer uso dele compreenda-o não como um jogo para entretenimento dos alunos, e sim como um material a mais para uma aprendizagem voltada às relações étnico-raciais que pode proporcionar, àqueles que se propõem a jogar, um aprendizado que vem na alegria e proporciona a interação.

Para isso, sugerimos que o mesmo seja jogado em equipes, de modo que haja diálogo e que os saberes circulem já entre os membros do time.

Em nosso caderno de atividades, que acompanha o jogo, trazemos algumas propostas de sequências didáticas que partem das experiências docentes. Estas podem ser utilizadas como formas introdutórias aos afrossaberes em sala. O caderno contém sugestões para diferentes anos escolares e disciplinas, sendo um primeiro passo para essa experiência lúdica com enfoque decolonial.

Para ser utilizado em sala de aula, é aconselhável que se obtenha tabuleiros menores, de modo que sejam separados grupos nos quais em cada um tenha duas equipes de cinco alunos.

Em caso de utilização do espaço da quadra durante uma aula de Educação Física, é uma boa opção utilizar esse grande tabuleiro e compor equipes maiores para disputarem a chegada a Orum.

O jogo pode, assim, ser facilmente aplicado e também ampliado. Quanto mais se pesquisa sobre o assunto e quanto mais aulas e docentes se propõem ao tema, mais informações e novas cartas podem ser acrescentadas ao jogo.

Uma particularidade que destacamos para o ensino da cultura Iorubá é o sétimo ano do Ensino Fundamental, um momento específico em que os reinos africanos são estudados de acordo com as diretrizes curriculares do ensino de História. É uma ótima oportunidade para fazer esse conhecimento circular e, talvez, convidar os discentes a construir novas cartas.



## E quem seriam os Orixás?

Segundo Carybe e Verger (2005, p. 3),

Orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder, axé.

Esses Orixás têm morada no Orum - termo que pode ser traduzido como céu. É o mundo espiritual em paralelo ao Ayê, o mundo físico. Pedimos licença para adentrar neste espaço e convidamos você, professor, e seus alunos a viver essa experiência afrorreferenciada.

**Partiu, Orum!**





## O uso das narrativas Iorubás (os Itãs)

O uso das narrativas iorubás é uma possibilidade para uma educação voltada às relações étnico-raciais com características de decolonialidade; possibilidade que nos faz vislumbrar e pensar que caminhos outros poderíamos trilhar para uma educação que movimente as estruturas da colonialidade que nos legou o racismo; no caso, o racismo religioso.

Pensar o mundo a partir dos orixás é pensar em possibilidades! Por isso, destacamos, neste tópico, o Produto Educacional, que foi sonhado e realizado em muitas etapas por meio da cooperação. Um produto que, de fato, foi feito por muitas mãos, cabeças e corações. O produto propõe uma caminhada guiada por Exu para conhecer o mundo dos orixás.

Essa aproximação estabelecida a partir da religiosidade do povo iorubá religa-nos a saberes de um grupo que nos constitui historicamente. Poderíamos dizer que esse reconhecimento é negado ainda hoje. No entanto, de modo mais complexo, percebe-se que nos é dada a consciência de nossa africanidade, mas reduzida a uma participação passiva e restrita à mão de obra escravizada. Dentre tantas negativas, podemos citar como é difícil para a colonialidade reconhecer que a habilidade do ferro forjado em nossas terras tenha atravessado os mares em porões de navios com as bençãos de Ogum, Senhor do Ferro.

O dispositivo de racialidade ganha dimensões específicas ao operar em conjunto com o biopoder e ser por ele instrumentalizado. Combinado a racismo, o biopoder promove a vida da raça considerada mais a dia e mais pura e promove a morte da raça considerada inferior [...] contudo para aqueles que sobrevivem o dispositivo da racialidade reserva outras estratégias de assujeitamento (Carneiro, 2005).

Ou seja, se fisicamente esses corpos não morrem na travessia é porque sua força braçal é o que os motiva. Busca-se matar aquilo que os constitui humanos e impedem que essa consciência do ser se alastre em terras coloniais. Nossa tarefa aqui é uma tentativa de “desassujeitar”, descolonizar ou descolonizar primeiramente a nós, docentes, antes mesmo de nossos alunos.



# Sequências Didáticas

# MATEMÁTICA

## | 6º ano |

### *Como Exú se tornou ajudante de Oxalá*

**U**m dia, Oxalá tinha cada vez mais humanos para fazer e não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos lhe ofereciam. Então, disse a Exú para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham a sua casa, para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda. Oxalá nem tinha tempo para visitas. Exú tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.

Exú coletava os ebós para Oxalá, recebia as oferendas e as entregava. Exú fazia muito bem o seu trabalho, portanto Oxalá decidiu recompensá-lo: Oxalá decidiu que todos os que viessem a sua casa, teriam que pagar também alguma coisa a Exú. E, assim, Exú mantinha-se sempre a postos, guardando a casa de Oxalá, armado de um ogó, um poderoso porrete, afastando os indesejáveis e punindo quem tentasse burlar sua vigilância.

Exú trabalhava demais e fez da encruzilhada a sua casa. Ganhou uma rentável profissão, ganhou seu lugar, ganhou sua casa. Exú ficou rico e poderoso. Desde então, ninguém pôde mais passar por uma encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exú.

Fonte: [Itan de Exú: saiba como Exú se tornou o dono da encruzilhada](#)

**Professor(a):** Gláucia Possebom

**Componente curricular:** Matemática

## **Roteiro de aula: Orixá Exú e a Matemática**

Esta aula tem como objetivo estabelecer uma relação entre Exu, um Orixá da mitologia Iorubá, e o ensino de Matemática para uma turma de sexto ano do ensino fundamental, a fim de desmistificar e quebrar preconceitos existentes a respeito do mesmo.

Exu é um dos Orixás interpretados equivocadamente pela cultura da colonialidade, esta que tem forte influência nos currículos escolares. Por que Exu? Ele é Orixá do comércio, das encruzilhadas e das escolhas, logo, do raciocínio lógico e dos números. O desafio que propomos ao final é encontrar o resultado da expressão numérica que aparecer no caminho que o participante optou seguir.

Antes de dar início às atividades, a turma será dividida em grupos de 4 ou 5 integrantes para a realização das tarefas. As tarefas serão pontuadas e, ao final, o grupo com maior pontuação ganhará um brinde.

### **1º momento**

Apresentação da história de Exú por meio dos vídeos:

- ◆ **Histórias de Exú: Mitologia Africana/Iorubá**
- ◆ **Exú: O Orixá das Encruzilhadas e Mensageiro dos Deuses - Mitologia Iorubá**
- ◆ **Exú no desfile da Escola de Samba Grande Rio - Carnaval 2022**
- ◆ **Exú não é o diabo: racismo religioso - Minuto Futura**

### **2º momento**

Breve momento para explicações sobre o tema da aula e para dúvidas sobre os vídeos. Ressaltar a questão de que Exú não é o demônio.

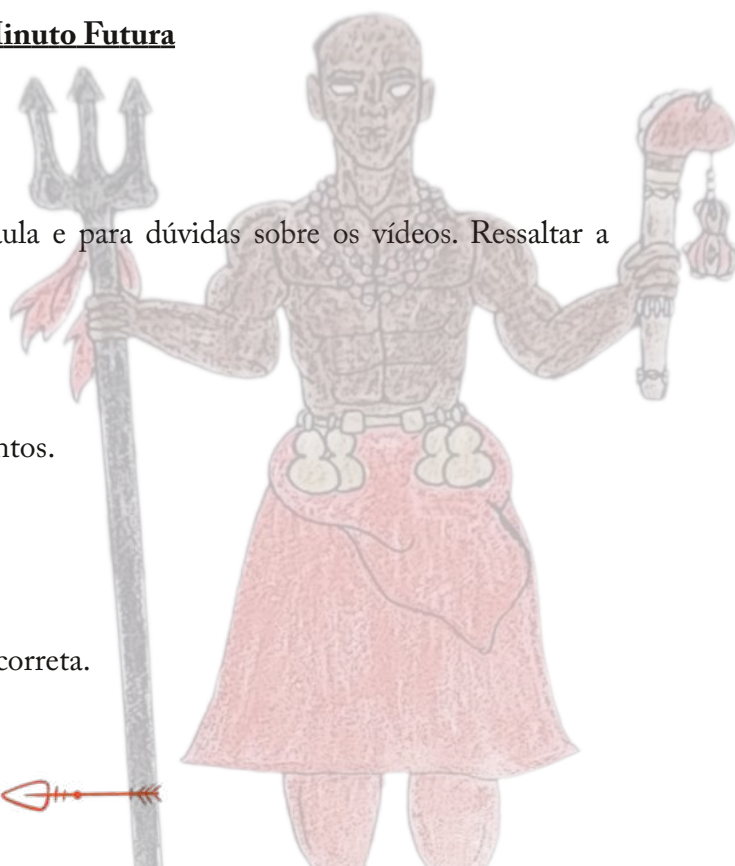
### **3º momento**

Perguntas sobre os vídeos – cada acerto contará 5 pontos.

### **4º momento**

Atividade do labirinto – valor: 15 pontos.

Deve ser entregue colorida e respondida de maneira correta.



## 5º momento

Atividade ao ar livre – valor 20 pontos para a equipe que primeiro encontrar e resolver sua expressão corretamente.

Cada grupo receberá um cartão com um problema para ser resolvido.

No ambiente, serão escondidos cartões com as expressões que resolvem tais problemas.

Cada grupo deve encontrar a expressão referente ao seu problema e resolvê-la corretamente.

O acerto valerá 20 pontos.

## ANEXOS

### *I - Questões sobre os vídeos*

1) Qual o nome do Orixá que estudamos?

Resposta: Exú

2) O que Exú tinha no início?

Resposta: Nada

3) O que Exú é na verdade?

Resposta: Um mensageiro dos Deuses

4) O que Oxalá fazia?

Resposta: Seres humanos

5) Quanto tempo Exú ficou na casa de Oxalá?

Resposta: 16 anos

6) O que é Ogó?

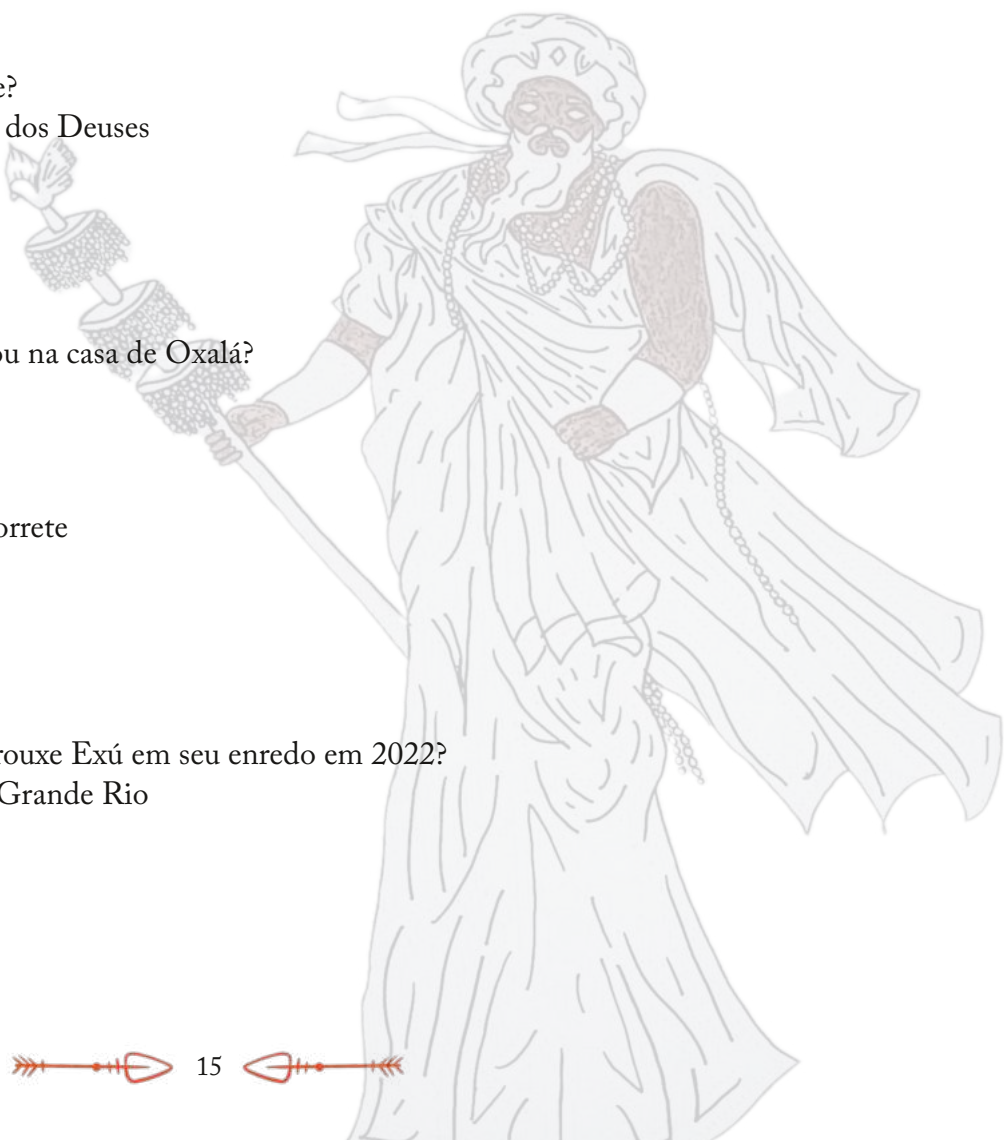
Resposta: Um poderoso porrete

7) O que é Ebó?

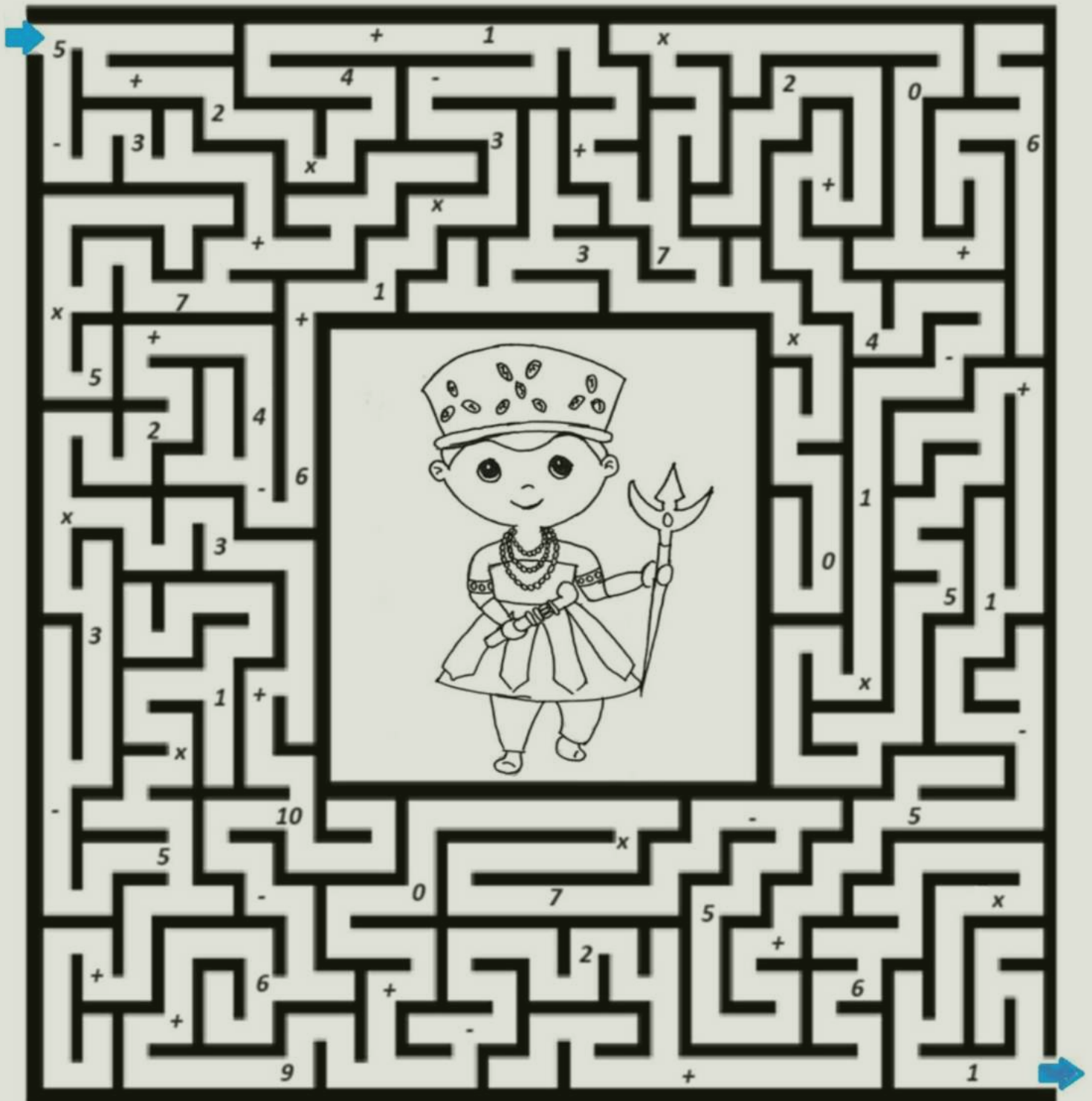
Resposta: Uma oferenda

8) Qual escola de samba trouxe Exú em seu enredo em 2022?

Resposta: Acadêmicos da Grande Rio



E você, qual o caminho escolher?



Agora, registre a expressão encontrada e resolva-a.

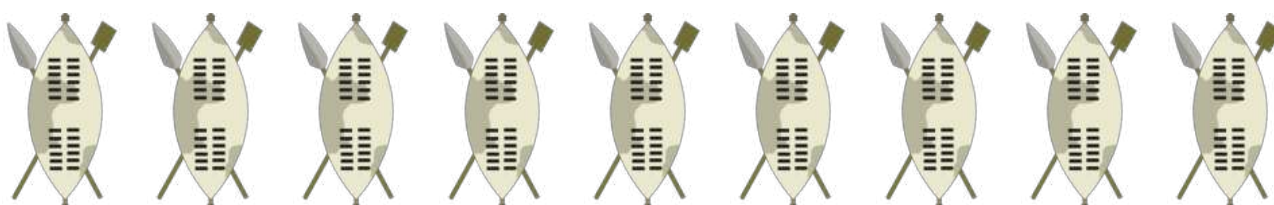


Figura 1 - Brinde



Fonte: A autora, 2024.





III - Fichas com problemas

<p><i>Luciana está lendo um livro que tem 180 páginas. Se ela já leu 56 páginas e quer terminar a leitura em 4 dias, lendo o mesmo número de páginas a cada dia, quantas páginas lerá por dia?</i></p>	<p><i>Uma sala de aula tem 4 fileiras com 7 carteiras cada uma e 2 fileiras com 6 carteiras em cada uma. Se 45 alunos vão ocupar a sala, quantas carteiras a mais deverão ser colocadas?</i></p>
<p>Expressão numérica: <math>(180 - 56) : 4</math></p>	<p>Expressão numérica: <math>45 - [(4 \times 7) + (2 \times 6)]</math></p>
<p><i>A vovó Rosa foi comprar presentes de Natal para seus netinhos. Ela comprou três bolas por R\$ 14,00 cada e duas bonecas por R\$ 25,00 cada. Se ela pagou as compras com uma nota de R\$ 50,00 reais, e dividiu o saldo restante em duas parcelas, qual o valor a pagar por cada parcela?</i></p>	<p><i>A vovó Rosa foi comprar presentes de Natal para seus netinhos. Ela comprou três bolas por R\$ 14,00 cada e duas bonecas por R\$ 25,00 cada. Se ela pagou as compras com uma nota de R\$ 50,00 reais, e dividiu o saldo restante em duas parcelas, qual o valor a pagar por cada parcela?</i></p>
<p>Expressão numérica: <math>\{[(3 \times 14) + (2 \times 25)] - 50\} : 2</math></p>	<p>Expressão numérica: <math>\{[(3 \times 14) + (2 \times 25)] - 50\} : 2</math></p>
<p><i>Luciana está lendo um livro que tem 180 páginas. Se ela já leu 56 páginas e quer terminar a leitura em 4 dias, lendo o mesmo número de páginas a cada dia, quantas páginas lerá por dia?</i></p>	<p><i>Uma sala de aula tem 4 fileiras com 7 carteiras cada uma e 2 fileiras com 6 carteiras em cada uma. Se 45 alunos vão ocupar a sala, quantas carteiras a mais deverão ser colocadas?</i></p>
<p>Expressão numérica: <math>(180 - 56) : 4</math></p>	<p>Expressão numérica: <math>45 - [(4 \times 7) + (2 \times 6)]</math></p>

# CIÊNCIAS

| 7º ano |

## *A arte da caça*

Oxóssi era irmão de Ogum. E Ogum tinha pelo irmão um afeto especial. Certo dia, quando voltava da batalha, Ogum encontrou o irmão temeroso e sem reação, cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia e que estavam prestes a atingir sua família e tomar suas terras. Ogum vinha cansado de outra guerra, mas ficou irado e sedento de vingança. Procurou dentro de si mais forças para continuar lutando e partiu em direção aos inimigos. Com sua espada de ferro, pelejou até o amanhecer.

Quando, por fim, venceu os invasores, sentou-se com o irmão e o tranquilizou com sua proteção. Sempre que houvesse necessidade, ele iria até seu encontro para auxiliá-lo. Ogum, então, ensinou Oxóssi a caçar e a abrir caminhos pela floresta e pelas matas cerradas. Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça, sem a qual a vida é muito mais difícil. Ogum ensinou Oxóssi a se defender por si próprio e também o ensinou a cuidar da sua gente.

Agora, Ogum podia voltar tranquilo para a guerra. Ogum fez de Oxóssi um provedor. Ogum segue sendo o grande guerreiro dentre os Orixás e Oxóssi tornou-se o mais exímio caçador do panteão dos Orixás.

Fonte: [Confira um Itan \(lenda\) de Oxóssi que conta como Ogum lhe ensinou a arte da caça](#)

**Professor(a):** Carlos Alberto Andrade Monerat

**Componente curricular:** Ciências

**Tema:** Aquecimento Global

**Conteúdo abordado a partir da narrativa indicada:** Ações antrópicas como causa do desequilíbrio ambiental e do aquecimento global

**Duração (hora/aula):** 2 tempos de 50 minutos cada

**Outra narrativa possível:** Os Orixás perante as ações humanas na natureza

**Objetivo geral:** Explorar a narrativa Iorubá em relação às ações antrópicas como causa do desequilíbrio ambiental e do aquecimento global

**Objetivos específicos:** Introduzir o conceito de efeito estufa e suas diversas formas  
Identificar exemplos de ações antrópicas que causam desequilíbrios no meio ambiente  
Fomentar o pensamento crítico dos alunos ao refletir sobre a importância da sustentabilidade e da preservação ambiental

**Recursos:** Distribuição de cópias do texto introdutório para os alunos. Materiais de pintura para as atividades práticas

**Procedimentos:** Introdução e discussão inicial; apresentar os principais Orixás; desenvolver a associação com o tema; solicitar a atividade avaliativa

**Desenvolvimento:** Introdução e discussão inicial (10 minutos). Introduzir o conceito de aquecimento global e explicar suas causas principais, incluindo as emissões de gases do efeito estufa. Iniciar uma discussão em sala de aula sobre as preocupações ambientais relacionadas às mudanças climáticas. Apresentação dos Orixás e associações (20 minutos). Apresentar brevemente os principais Orixás da mitologia Iorubá, incluindo suas associações com elementos da natureza (fogo, água, ar, natureza). Explicar a proposta de associar os Orixás ao aquecimento global de maneira metafórica. Desenvolvimento da associação (15 minutos). Discutir cada um dos Orixás destacados na abordagem anterior (Xangô, Yemanjá, Oyá e Oxóssi) e suas associações com elementos ligados ao aquecimento global. Usar exemplos práticos e visualizações para ilustrar como essas associações podem ser feitas. Reflexão e atividade prática. Discussão sobre a associação metafórica (10 minutos). Iniciar uma discussão guiada sobre a validade da associação entre os Orixás e o aquecimento global. Encorajar os alunos a compartilhar suas opiniões e reflexões sobre a abordagem. Atividade prática: cartaz de sensibilização (25 minutos). Dividir a classe em grupos e atribuir a cada grupo um dos orixás mencionados. Pedir aos grupos que criem um cartaz que ilustre a associação entre o Orixá e as questões do aquecimento global. Os cartazes devem incluir informações sobre as causas e os efeitos do aquecimento global, relacionando-as à energia e aos elementos associados ao Orixá.



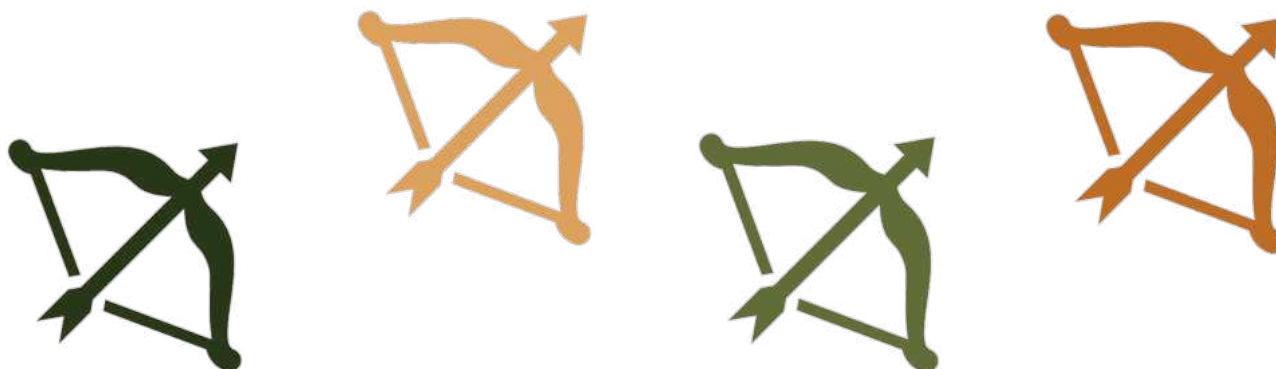
**Conclusão / Avaliação / Sugestão de atividade:** Apresentação dos cartazes e discussão final (15 minutos). Cada grupo apresentará seu cartaz à classe, explicando as associações feitas e destacando a mensagem de sensibilização. Finalizar a aula com uma discussão sobre as mensagens transmitidas pelos cartazes e a importância da preservação ambiental. Avaliação: participação dos alunos nas discussões e na atividade prática. Observação da compreensão dos alunos sobre as causas e efeitos do aquecimento global. Criatividade na associação entre os Orixás e as questões ambientais.

**Indicação de leitura:** No princípio dos tempos, quando a Terra estava repleta de segredos e possibilidades, os Orixás, seres divinos que controlam os elementos e as forças da natureza, uniram-se em uma jornada única. Eles sentiram um chamado urgente, uma missão dada por Olodumaré, o grande criador, para restaurar a harmonia dos elementos e proteger o equilíbrio do planeta. Xangô, o poderoso Orixá do fogo e da justiça, ergueu-se com sua espada flamejante. Ele viajava pelas planícies secas, testemunhando os incêndios descontrolados que devastavam a vida. Xangô sentiu a energia ardente do sol e o calor extremo, compreendendo como as chamas irregulares estavam desequilibrando o planeta. Com sua força, prometeu guiar o uso do fogo de maneira responsável para que as chamas não se tornassem um flagelo. Yemoja, a mãe dos rios e dos oceanos, moveu-se com a majestade das águas. Ela viajava pelos mares testemunhando o gelo derretendo e os mares avançando sobre as terras. Yemoja sentiu a energia das marés e a fluidez das correntes, compreendendo como as águas desordenadas estavam ameaçando os ecossistemas. Com sua sabedoria, prometeu proteger as águas e cuidar dos habitats marinhos para preservar a vida. Oyá, a senhora dos ventos e das tempestades, movia-se velozmente entre as nuvens. Ela testemunhava furacões poderosos e ventanias destrutivas. Oyá sentiu a energia das tempestades e a intensidade dos ventos, compreendendo como a força descontrolada do ar estava causando estragos. Com sua agilidade, prometeu guiar os ventos de modo a manter o equilíbrio e a segurança. Oxóssi, guardião das florestas e caçador da natureza, percorria as matas com seu arco e flecha. Ele observava as florestas sendo derrubadas e a vida silvestre sofrendo. Oxóssi sentia a energia das árvores e a harmonia do ecossistema, compreendendo como a destruição desenfreada estava afetando a biodiversidade. Com sua conexão com a terra, prometeu preservar a natureza e ensinar a coexistência. Os Orixás viajaram pelo mundo levando consigo a energia única de cada elemento. Juntos, convocaram os humanos a se unirem nessa jornada, a entenderem a interconexão entre os elementos e a agirem com responsabilidade para preservar o equilíbrio da Terra. E, assim, a mensagem dos Orixás ecoou pelos tempos, lembrando a todos da importância de cuidar do planeta, honrando os elementos que sustentam a vida.

**Indicação bibliográfica:**

SILVA, Avani Souza. **A África recontada para crianças**. Ilustrações de Lila Cruz. São Paulo: Martin Claret, 2020.

TRISTÃO, Waldete. **Conhecendo os Orixás**: de Exu a Oxalá. Ilustrações de Caco Bressane. Mairiporã, SP: Arole Cultural, 2018.



# CIÊNCIAS

| 9º ano |

## *O caçador de uma flecha só*

**E**ra uma tribo onde tudo se festejava. O rei adorava comemorar todos os bons acontecimentos da região. Tudo era motivo de alegria. Mudou o ano? Festa! Nasceu uma criança? Festa! Sacrificou um animal? Festa! Hora da colheita? Mais festa!

Aliás, a festa da Colheita era a mais importante e divertida de todas as festas africanas. Era um dia especial, em que colhiam todos os alimentos que iriam ser estocados até o ano seguinte. Era a consagração de um ano proveitoso e a esperança de continuidade...

A Festa da Colheita era anunciada para a comunidade apenas dois dias antes de acontecer, pois os agricultores esperavam o momento certo para colher os alimentos. Naquele tempo, naquela tribo, as verduras, os legumes e as frutas ficavam no ponto certo de colher ao mesmo tempo, no mesmo dia, que era o dia em que anunciavam que poderia ter festa!

Enviavam mensageiros a todos os cantos anunciando que o dia havia chegado! Iam até as cabanas que ficavam próximas e nas distantes também, nas da beira do rio e nas de dentro da floresta, nas dos altos dos morros e nas das profundezas dos vales.

Iam à cabana de todos os moradores, exceto de um, o feiticeiro que morava no pântano. Todos morriam de medo do velho feiticeiro e sempre arrumavam uma desculpa para passar longe da cabana daquele homem.

O rei mandava avisar a todos os moradores, **todos**, mas nenhum mensageiro tinha coragem de atravessar o pântano e muito menos de falar com o feiticeiro. O pior é que nenhum mensageiro contava ao rei que o senhor que vivia trancado na cabana assustadora nunca havia sido convidado para nenhuma festa.

O rei não sabia que o convite não era entregue. Pensava que o feiticeiro nunca vinha às festas porque tinha muitos afazeres e não podia perder tempo com baboseiras desse tipo. Era um homem ocupado e muito importante para a aldeia.

Por sua vez, o feiticeiro, de muito ficar triste com essa história já estava com raiva.

- Todo ano a mesma coisa. Celebram e não me convidam! Este ano vai ser diferente. Vou fazer uma magia e eles não terão colheita!

O feiticeiro foi para a floresta, recolheu alguns cogumelos, aranhas, ervas, folhas, mosquitos, formigas e musgos. Pegou um grande galho de obá-obá para usar como colher. Também pegou um coelho pela orelha e o levou para prepará-lo.

Ao chegar à sua cabana, dourou uma cebola na manteiga e fez uma mistura com aqueles ingredientes, jogou tudo no caldeirão e começou a temperar o coelho. O bicho seria servido cru mesmo, só o tempero iria ao fogo.

Colocou tudo em uma bacia de barro e levou para o quintal. Naquele Sol quente, o movimento foi rápido: na mesma hora um grande pássaro negro apareceu e devorou o coelho.

O pássaro alçou voo novamente e pousou em cima da cabana do rei. Lá, pousou por vários dias. Sete luas se passaram e o pássaro continuava lá, estático.

Um mensageiro foi até o rei com péssimas notícias:

- Não teremos colheita este ano.

- Como não?

- Os alimentos estão verdes ainda... A esta altura já deveriam estar maduros e nada. Não se modificam, não amadurecem, parece que serão verdes eternamente.

Foi quando o Rei teve um estalo em seu pensamento:

- Será que isso tem relação com o pássaro negro no teto?

- Provavelmente sim, me parece que este é um pássaro amaldiçoado.

- Vamos matá-lo!

O rei mandou chamar todos os caçadores da tribo para matar o pássaro. Vieram homens fortes, com muitas flechas e muita disposição para enfrentar aquela maldição.

Surgiu então um caçador com uma flecha só. Todos riram dele.

- Como poderá matar com uma única flecha? – queria saber o Rei, antes de anunciar:

- Quem matar o pássaro negro vai ser o caçador mais importante da tribo! Sem ele, voltaremos a ter comida e festa!

Os caçadores fizeram uma fila para tentar acertar o pássaro. Primeiro, veio o caçador de 25 flechas e nenhuma acertou o alvo. Em segundo, o caçador de 80 flechas e, mais uma vez, nenhuma acertou o pássaro amaldiçoado...

Em terceiro, o caçador de 150 flechas, a primeira passou de raspão, a segunda também, a terceira passou longe e assim todas as outras também fizeram. Nenhum caçador conseguia acertar o bicho. Estavam todos nervosos, ansiosos, desesperados, alucinados.

O caçador de uma flecha só se mantinha calmo e caminhou em direção à cabana do rei. Todos riram enquanto ele passava. Se tantos caçadores fracassaram, aquele parecia um bobo caminhando com uma única flecha na mão.

Ele parou em frente à cabana e olhou bem para aquele monte de penas em cima do telhado. Respirou fundo, concentrou e atirou a flecha certa na testa do grande e amaldiçoado pássaro negro, que desapareceu como fumaça.

Todos comemoraram e iniciaram a festa mesmo sem os alimentos prontos. Foi tanta alegria que ninguém se lembrou de agradecer ao caçador de uma flecha só.

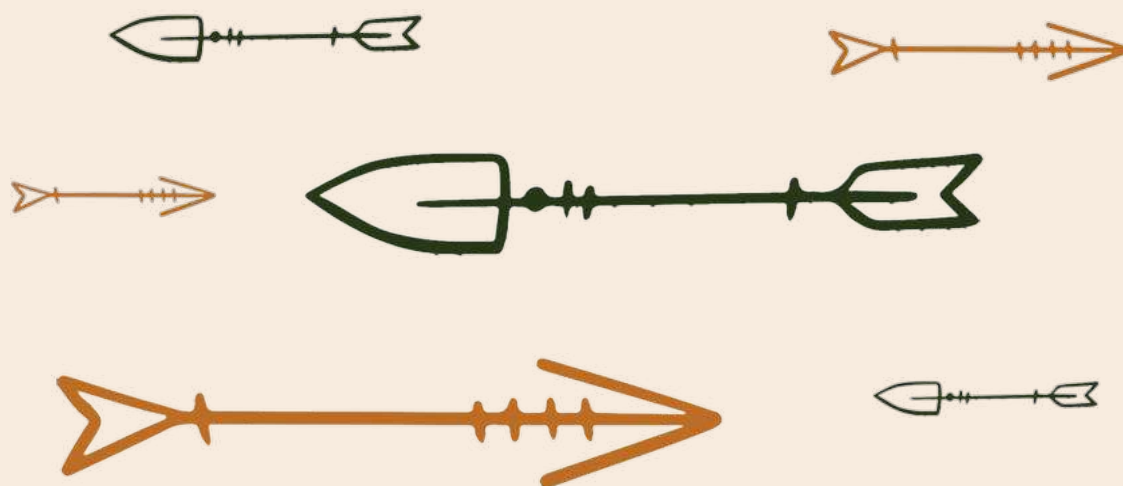
Contudo, ele nem se importou com isso e já caminhava calmamente de volta para sua cabana, quando o rei se aproximou e valou:

- Caçador, não vai comemorar conosco?
- Não, senhor, vou para casa descansar.
- Estamos muito gratos! Como posso recompensá-lo? O que devemos fazer?
- A vida já é muito difícil para todos, devemos viver em harmonia, calmos e serenos.

Na hora, o rei não entendeu, mas achou melhor deixar o caçador descansar sozinho em sua cabana.

Muito tempo se passou até o rei compreender: enquanto todos estavam nervosos e ansiosos, não conseguiram solucionar o problema que os afligia. Com o lançar de uma única flecha, o caçador calmo e concentrado conseguiu alcançar a solução.

Fonte: [Leila Miana | O caçador de uma flecha só](#)



**Professor(a):** José Maurício dos Santos

**Componente curricular:** Ciências

**Tema:** Influência da cultura africana no Brasil

**Conteúdo abordado a partir da narrativa indicada:** Cultura africana – história dos seus Orixás

**Duração (hora/aula):** 100 minutos

**Outra narrativa possível:** Oxóssi – o protetor das florestas

**Objetivo geral:** Trazer aos alunos um pouco da cultura africana e sua influência na cultura brasileira, promovendo a convivência pacífica entre as diferenças

**Objetivos específicos:** Por meio da narrativa africana de Oxóssi, discorrer sobre a importância do meio ambiente e da conservação das florestas fazendo menção às tradições indígenas e africanas

**Recursos:** Quadro, texto impresso, imagens

**Procedimentos:** Síntese sobre a cultura africana. Citações sobre a influência africana na cultura brasileira. Os protetores das matas. Atividade em grupo para desenvolvimento do tema

**Desenvolvimento:** Texto sobre a história africana e seus Orixás. Oxóssi e a proteção às matas. Breve relato e bate-papo sobre a influência africana na religião e na cultura do Brasil / lendas indígenas. Divisão da turma em grupos. Elaboração de painéis ilustrativos sobre a história de Oxóssi, as lendas indígenas brasileiras, a importância da proteção aos ecossistemas, etc.

**Conclusão / Avaliação / Sugestão de atividade:** Por meio da confecção dos painéis ilustrativos será feita a avaliação do entendimento dos alunos em relação ao tema proposto

**Indicação de leitura:** Assim como nas sociedades indígenas, cada divindade africana participou de alguma forma na criação do mundo e dos homens. Se fosse livro, poderíamos dizer que os capítulos foram escritos por grupos de Orixás. Cada um deles associado a alguma força da natureza e a alguma atividade humana. Oxóssi é uma divindade das religiões africanas, também conhecidas como Orixás, que representa o conhecimento e as florestas. Normalmente, esse Orixá é representado pela figura de um homem que tem em suas mãos um arco e flecha, considerado uma espécie de guardião e caçador. Para as religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé, Oxóssi é ligado ao conhecimento e à natureza. Ele sempre enaltece tudo o que a natureza pode proporcionar, conforme a necessidade humana. Por essa razão, também é conhecido como o Orixá da caça, da fartura e do sustento ([www.significados.com.br/oxossi](http://www.significados.com.br/oxossi)).

#### **Indicação bibliográfica:**

RIBEIRO, Fernanda Leandro. Fé, rito e vivência templária: a busca da harmonia entre o mundo natural e o mundo sobrenatural. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 13., São Luís, 2012. **Anais [...]**. São Luís: ABHR, 2012. p. 1-15.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021

# GEOGRAFIA

| 9º ano |

## *A Reunião Celestial e a Escolha de Onilé*

Um dia, Olorum convocou os Orixás para uma grande reunião no palácio. Ele anunciou que distribuiria entre os filhos as riquezas do mundo e que a ocasião seria marcada por uma festa com muita comida, música e dança. Os mensageiros espalharam a notícia por todos os lugares e cada Orixá se preparou com esmero para o evento, buscando as vestimentas mais belas e extravagantes.

Os Orixás chegaram ao palácio em toda a sua exuberância. Iemanjá veio vestida com a espuma do mar, Oxóssi escolheu uma túnica de ramos macios adornada com peles e plumas e Oxum cobriu-se de ouro, trazendo nos cabelos as águas dos rios. Cada um mostrava toda a sua criatividade e beleza, causando admiração por onde passava. No entanto, Onilé, mais uma vez, não se importou em se vestir bem ou chamar atenção. Ela se recolheu em uma cova funda, vestida de terra.

Quando todos os Orixás já estavam reunidos, Olorum anunciou que cada um deles havia escolhido o que considerava o melhor da natureza para apresentar como oferenda. Assim, cada Orixá tornou-se governante de uma parte específica do mundo natural, como o mar, as matas, o ferro e o ouro. No entanto, Olorum revelou que faltava uma importante atribuição: o governo da Terra, o próprio planeta onde os humanos viviam.

Para surpresa de todos, Olorum proclamou que Onilé seria a governante da Terra, pois ela havia se vestido com a própria Terra. Embora muitos não tivessem notado sua presença até aquele momento, Onilé era a guardiã invisível que sustentava a vida de todos. Olorum explicou que todas as riquezas concedidas aos outros Orixás estavam na Terra, desde o mar e os rios até o ar e a chuva. Onilé, também chamada de Ilê, a casa, o planeta, era responsável por tudo que fosse necessário para a existência dos seres vivos.

Dessa forma, Olorum deu instruções para que todos os seres humanos pagassem tributo a Onilé, pois ela era a mãe de todos, o abrigo e a casa. A humanidade dependia da Terra para sobreviver, e cada ser humano deveria oferecer oferendas a Onilé em forma de comida, bebida ou qualquer outra coisa que fosse da predileção do Orixá, como forma de gratidão e reconhecimento.

Fonte: O Mito de Onilé e as Roupas dos Orixás (Conto Africano)



**Professor(a):** Daiane da Silva Gonzaga

**Componente curricular:** Geografia

**Tema:** Visões de mundo segundo a cultura Iorubá

**Conteúdo abordado a partir da narrativa indicada:** Outras perspectivas de leitura dos fenômenos e, conseqüentemente, do mundo; localização dos povos Iorubás; introdução aos povos Iorubás e sua cosmovisão

**Duração (hora/aula):** 1h e 40 min. 2 tempos de aula.

**Outra narrativa possível:** Cosmovisões africanas: formas de ver e interpretar o mundo a partir da África

**Objetivo geral:** Reconhecer e prestigiar outras visões de mundo, que não as branco-hegemônicas, absorvendo princípios, valores e saberes que organizam e explicam a importância das relações entre sociedade e natureza

**Objetivos específicos:** Conhecer e localizar os povos iorubanos. Ressaltar a importância da oralidade como difusora de tradições, valores e conhecimentos. Acessar outros conhecimentos, além dos eurocentrados, ofertados pelo currículo da prefeitura. Contemplar a Lei nº 10.639/03. Desmistificar que na África não há uma cultura estabelecida

**Recursos:** Vídeo com apresentação geral sobre quem eram os povos Iorubás, onde se localizavam, quais eram os aspectos gerais e as características; folha-guia com as informações mais importantes; mapa com a localização dos povos Iorubás

**Procedimentos:** Criar conexões entre o que foi trabalhado anteriormente sobre as visões de mundo eurocêntricas e o que está sendo proposto

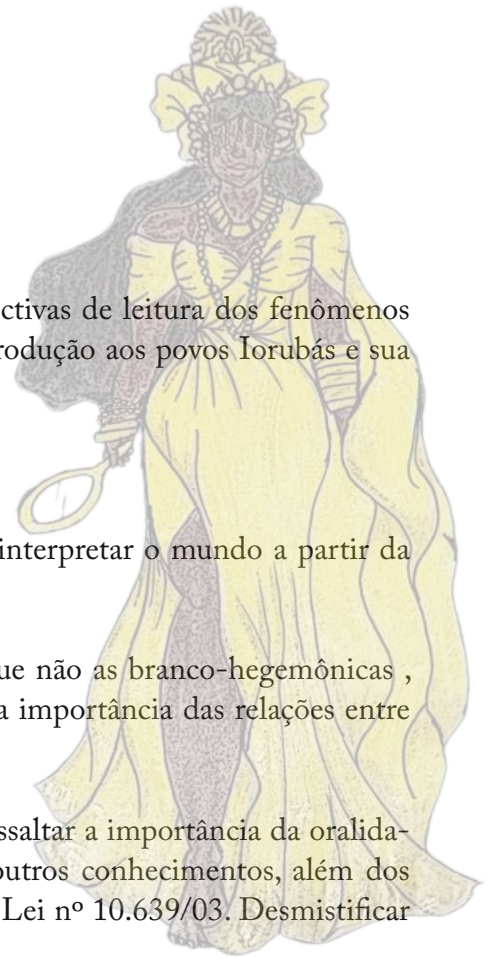
**Desenvolvimento:** Exibição do vídeo disponível no YouTube. Mapa com a localização dos povos Iorubás. Contextualizar a localização dos povos Iorubás no mapa da África. Distribuir a folha-guia com as informações a serem discutidas com a turma. Leitura coletiva seguida de discussão sobre a cosmovisão Iorubá, a fim de desmistificar pré-conceitos construídos sobre o continente africano

**Conclusão / Avaliação / Sugestão de atividade:** O objetivo da aula foi fazer um comparativo para analisar a diversidade e os valores culturais de cada narrativa; destacar as diferenças, mas ressaltar também os pontos em comum, que são muitos. Todos os Orixás estão ligados a elementos da natureza; por isso, propor aos alunos que pesquisem sobre o orixá que tenha ligação com o elemento da natureza com o qual o discente mais se identifica

**Indicação de leitura:**

SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco; ALVES, Janaina Bastos. A construção e difusão do conhecimento por meio de contos africanos: a tradição oral sobre a cosmologia Iorubá. **Revista HISTEDBR On-line** Campinas, SP, v. 20, p. 1-21, julho de 2020.

MOURA, Julia Lobato Pinto de; SOARES, Fábio de Farias. O ensino de Geografia e História em



uma perspectiva intercultural. **Muiraquitã**: Revista de Letras e Humanidades, Rio Branco, v. 5, n. 1, p. 202-230, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/1388>. Acesso em: 22 ago. 2023

Figura 2 - Região ocupada pelos povos iorubás



Fonte: Mundo Educação - UOL.

# HISTÓRIA

| 8º ano |

## *Orixá Guerreira e Das Águas Revoltas*

Obá vivia em companhia de Oxum e Iansã no reino de Oyó, como uma das esposas de Xangô, dividindo a preferência do reverenciado rei entre as duas Iabás (Orixás femininas). Obá percebia o grande apreço que Xangô tinha por Oxum, que mimosa e dengosa, atendia sempre a todas as preferências do rei, sempre servindo e agradando aos seus pedidos. Obá resolveu, então, perguntar a Oxum qual era o grande segredo que ela tinha para que recebesse a preferência do amor de Xangô, uma vez que Iansã andava sempre com o rei em batalhas e conquistas de reinados e terras, com seu gênio guerreiro e corajoso, e Obá era sempre desprezada e deixada por último na lista das esposas de Xangô. Oxum, então, matreira e esperta, falou que seu segredo residia em como preparar o amalá de Xangô, principal comida do rei, que lhe servia sempre que se desejava bons momentos ao lado do patrono da justiça. Obá, como uma menina ingênua, escutou e registrou todos os ingredientes que Oxum falara, sendo que, por fim, Oxum falou que, além de tudo aquilo, tinha cortado e colocado uma de suas orelhas na mistura do amalá para enfeitiçar Xangô. Obá agradeceu a sinceridade de Oxum e saiu para fazer um amalá em louvor ao rei, enquanto Oxum riu da ingenuidade de Obá, que sempre atenta a tudo, não percebeu que Oxum mentira, pois ela encontrava-se com suas duas orelhas e falara isso somente para debochar de Obá. Obá, em grande sinal de amor por seu rei, preparou um grande amalá e, por fim, cortou uma de suas orelhas colocando-a na mistura e oferecendo-a a Xangô como gesto de seu sublime amor. Xangô, ao receber a comida, percebeu a orelha de Obá na mistura, esbravejou e gritou. Oxum e Obá, apavoradas, fugiram e se transformaram nos rios que levam seus nomes. No local de confluência dos dois cursos de água, as ondas tornam-se muito agitadas em consequência da disputa entre as duas divindades. E, até hoje, quando manifestadas em seus iaôs elas dançam simbolizando uma luta.

Fonte: Itan de Obá Orixá Guerreira e Das Águas Revoltas

**Professor(a):** Daniele Rodrigues Moreira

**Componente curricular:** História

**Tema:** Revolução Industrial e o Meio Ambiente

**Conteúdo abordado a partir da narrativa indicada:** Habilidade (EF08HI03): Revolução Industrial e seus impactos

**Duração (hora/aula):** 120 minutos.

**Título da narrativa mítica iorubá utilizada:** Itan de Obá – Orixá Guerreira e Das Águas Revoltas (Etapa 2)

**Objetivo geral:** Abordar o conteúdo curricular *Revolução Industrial* e suas consequências

**Objetivos específicos:**

- 1) Identificar características referentes ao processo de Revolução Industrial
- 2) Analisar o conceito de progresso em duas diferentes perspectivas

**Recursos:**

- 1) Material de contextualização impresso
- 2) Roda de conversa (organizar a turma em um grande círculo para oportunizar a circularidade enquanto valor civilizatório, na qual ninguém está à frente de ninguém e todos podem se observarem e se ouvirem)



Figura 3 - Material utilizado na Etapa 3

Disciplinas: História

Conteúdo: Revolução Industrial e natureza

## Será que o progresso é bom para a humanidade?

"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido."

- Charlie Chaplin, em 'trecho do discurso proferido' no final do filme "O grande ditador". (1940)



- Você consegue encontrar relação entre as imagens acima?
- Que tal conversarmos um pouco mais a respeito?

A revolução Industrial é marcada pelo avanço tecnológico, pela mecanização dos sistemas de produção e por uma revolução social. Essas mesmas indústrias que são símbolo de progresso e avanço tecnológico, são as principais poluidoras dos nossos corpos hídricos. Isso, por simples irresponsabilidade, grandes indústrias despejam toneladas de resíduos tóxicos em rios e lagos, prejudicando todo o ecossistema, tornando a água imprópria para o consumo e afetando a fauna local.

### Desafios Relacionados à Água

**A adoção da Meta 6 de Desenvolvimento Sustentável está atrasada à medida que o prazo de 2030 se aproxima**

Gilbert Huongho, presidente da ONU-Água, destacou a resposta a vários problemas relacionados ao recurso aos quais o mundo é vulnerável:

- Contaminação das fontes de água e aumento da demanda e uso.
- Crescimento da demanda agrícola, industrial, manufatureira e de geração de energia.
- Escassez de água relacionada à mudança climática, que pode deslocar populações.

Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Sugestão de leitura: <https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/03/agua-o-grande-axe-de-todos-nos.ghtml>

Diante disto é importante repensar a narrativa de desenvolvimento econômico, levando-se em conta a sustentabilidade e retomar valores de nossa ancestralidade pode ser um passo importante neste processo. Vamos juntos nessa....






Figura 4 - Esquema metodológico

# Metodologia



- **Duração atividade 120 min**
- **Campo de estudo – Escola onde a docente / pesquisadora atua como regente**
- **Coleta de dados – Anotações acerca das colocações na roda de conversa e análise da anotações realizadas pelos discentes**

Para contemplar as habilidades e os objetivos propostos, dividimos a atividade em quatro etapas, sendo cada tempo de aula o momento de duas delas. As etapas 1 e 2 trazem uma aula expositiva acerca do conteúdo proposto, a partir dos seguintes tópicos:

-  **O que foi a Revolução Industrial?**
-  **Relação da industrialização com a noção de progresso?**
-  **Será que o progresso foi bom para todos?**
-  **Quais os benefícios e os prejuízos para a humanidade?**
-  **A poluição das águas como uma das consequências da industrialização.**

Em seguida, trouxemos a narrativa Iorubá selecionada para dialogar com o conteúdo. Levantamos, então, um novo tópico para dialogar com o conteúdo.

-  **Águas são a manifestação dos Orixás, logo a água é algo sagrado para a cultura Iorubá**

### **Avaliação / Sugestão de atividade:**

- 1) A partir da leitura do Itã das duas Orixás, pedir aos alunos que pesquisem sobre outras Yabás
- 2) Sortear na turma a Yabá que cada um ficará responsável por pesquisar
- 3) A partir da pesquisa, elencar as características da Yabá a qual ficou responsável; dentre as características, os alunos deverão destacar que águas estão relacionadas. Ex: Oxum-rios, Iemanjá-mares, Iansã-tempestade...
- 4) Produzir material visual de sua Yabá

### **Conclusão:**

A partir desses tópicos, podemos tornar possível um diálogo, ao longo da aula, para entender que, embora o processo de industrialização tenha nos beneficiado com novas formas de produzir, não podemos ignorar o fato de que ele vem alterando o funcionamento dos ambientes e também impossibilitando o modo de vida de muitos grupos sociais.

Os mitos de Obá e Oxum narram a origem de dois importantes rios do continente africano. E, de forma potente e inspiradora, registram a sacralidade destes na narrativa, permitindo que os alunos percebam que esses rios são divindades que se revelam na natureza.



# LÍNGUA PORTUGUESA

| 6º ano |

## *Narrativa da Criação segundo a cultura Iorubá*

**O**lodumaré, Senhor Supremo dos Nossos Destinos, também conhecido como Olorum, Senhor do Orum, criou o primeiro dos Orixás, o Oxalá, e deu-lhe a incumbência de criar o mundo, entregando-lhe o saco da criação.

No momento da criação, já havia outros Orixás habitando Orum, o mundo espiritual. Oxalá foi aconselhado por Orumilá a entregar uma oferenda ao Orixá Exu antes de empenhar a tarefa de criação do mundo.

Oxalá olvidou o conselho e partiu sem fazer as oferendas. Então, Exu usou seus poderes, para criar em Oxalá muita sede.

Chegando ao local onde o mundo seria criado, encontrou uma palmeira e, com seu cajado, opaxorô, fez um furo na palmeira e bebeu seu vinho. Bebeu, bebeu, bebeu e logo depois adormeceu ao lado da palmeira.

Exu lhe tomou o saco da criação e o entregou ao Orixá Oduduá, que com a concessão de Olorum e as devidas oferendas, fez a tarefa que antes seria de Oxalá.

Ao acordar, Oxalá viu que o mundo já havia sido criado. Oxalá, então, dirige-se a Olorum para esclarecer o ocorrido. Olorum o perdoa e o absolve nesse mistério, e logo passa a ser o Orixá do perdão. Então, Olorum lhe dá uma nova incumbência, a de criar os homens.

Oxalá toma o barro e com ele modela o homem e a mulher, porém não tem vida. Assim, chama Olorum para expor a questão. Olorum se aproxima e assopra o sopro da vida, animando os homens e as mulheres modelados por Oxalá.

Assim, Oxalá criou o homem e a mulher e passou a não receber nada que seja alcoólico; pelo contrário, Oxalá passou a representar a sobriedade, a calma e a paz.

**Professor(a):** Aline Oliveira

**Componente curricular:** Língua Portuguesa

**Título da aula:** A construção das personagens na narrativa mitológica

**Duração (hora/aula):** 50 minutos

**Habilidade (EF69LP54):** Consiste em analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos, e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, dos tempos, dos personagens e das ações próprios de cada gênero narrativo)

**Objetivo:** Por meio da leitura, analisar a construção dos personagens em um mito para caracterizá-los com adjetivos adequados conforme o contexto, percebendo os efeitos de sentido decorrentes dessas escolhas

**Objeto(s) de conhecimento:** Recursos linguísticos e semióticos que operam em textos pertencentes aos gêneros literários

**Prática de linguagem:** Análise linguística e semiótica

**Fontes:**



Mitologia Iorubá



Mito da criação: Iorubá



Plano de aula: A construção dos personagens na narrativa mitológica

**Metodologia:**

1) Assistir ao vídeo a seguir com a turma:



Dendê: A criação do mundo segundo a mitologia iorubá

2) Pedir que, nesse momento, cada aluno faça uma leitura individual do texto anexo

3) Solicitar aos alunos que identifiquem as características de cada Orixá encontrado no texto

4) *Conversando com a arte:* Pedir aos alunos que desenhem, de acordo com as características observadas no texto, o mito da criação dos Iorubás

## ANEXO

### MITOS DA CRIAÇÃO: YORUBÁ

Esses deuses são cultuados por adeptos das religiões afro-brasileiras, entre elas o candomblé, que surgiu na Bahia no século XIX a partir das tradições religiosas africanas trazidas por negros escravizados, em especial os de origem iorubá, grupo étnico-linguístico da África Ocidental. Essas divindades iorubás (ou nagôs) são os orixás, como Oxalá, Iemanjá, Ogum e Exu. No candomblé, há mais de 200 deles.



Em um tempo em que o mundo era apenas da imaginação de **Olorumaré**, o ser supremo e senhor do céu, em que só existia o infinito firmamento e abaixo dele a imensidão do mar.

**Olokun** a dona dos oceanos e **Olorumaré**, tinham a mesma idade. Eles tiveram dois filhos, **Oxalá** o primogênito e **Oduduwa** o mais novo.

**Olorumaré** encarregou **Oxalá** de criar o mundo.

Quando chegou o dia da criação do mundo, **Oxalá** se pôs a caminho da fronteira do além. Uma grande sede começou a atormentar **Oxalá**, ele se aproximou de uma palmeira e tocou o tronco com o seu cumprido bastão. Da palmeira jorrou vinho em abundância e ele bebeu até embriagasse. **Oduduwa** tudo observava. Quando se certificou do sono de seu irmão, **Oduduwa**, apanhou o saco da criação dado por **Olorumaré** a **Oxalá**. Em seguida foi a seu pai e lhe contou o que havia acontecido. **Olorumaré** viu o saco da criação em poder do seu filho mais novo, e assim confiou a ele a criação do mundo. **Oduduwa** exclamou: que a terra se expande, e **Oduduwa** partiu para a terra para ser seu dono.

De repente, **Oxalá**, despertou e percebeu tudo que tinha acontecido. Voltou a **Olorumaré** e contando sua história e seu pai disse, o mundo já está criado. Perdeste uma grande oportunidade. Mas a missão ainda não estava completa, e **Olorumaré**, deu outra dádiva a seu filho mais velho, a criação de todos os seres vivos que habitariam a terra. **Oxalá** modelou em barro o homem e a mulher e o sopro de **Olorumaré** deu vida a eles. Criou o homem e criou a mulher. O mundo agora estava completo.



*O jogo*

# PARTIU, ORUM!

## *o jogo*

Iniciamos nosso jogo na companhia de Irokô, Orixá representado por uma árvore que no início dos tempos fazia a comunicação entre o Aiê e o Orum. Guiados por Exu, seguimos percorrendo caminhos entre tempestades (Iansã / Oyá), pelo reino de Xangô, Oyó onde nos deparamos com os rios (Oxum e Obá). Ewá é mais uma Orixá guerreira que irá nos inspirar nesse caminho ao Orum.

Atravessamos mares (Iemanjá) e depois da tempestade podemos contemplar um belo arco-íris (Oxumarê) e conhecer um pouco seu irmão (Omolu / Obaluaê).

Adentrando as matas, temos a presença de Ogum, Ossaim, Oxóssi e seu filho Logunedê. Já encerrando essa travessia, encontramos os Orixás mais velhos, aqueles presentes na Criação Nanã e, finalmente, Oxalá.

### **Componentes:**

- ◆ 01 tabuleiro
- ◆ 01 dado
- ◆ 15 cartas
- ◆ 02 pinos

### **Etapas:**

- ◆ Elencar os Orixás do panteão Iorubá que vão compor o jogo (15 orixás)
- ◆ Fazer a ilustração de cada Orixá
- ◆ Destacar dez características de cada um deles
- ◆ Fabricar as cartas com essas informações
- ◆ Produzir o tabuleiro do jogo ilustrado. Neste tabuleiro, cada Orixá ocupa seu espaço de domínio, sendo necessário trilhar esse caminho para chegar ao fim do jogo

- ◆ Produzir dado personalizado
- ◆ Como forma de não fraturar as subjetividades da religiosidade Iorubá presente no jogo, foi necessário contar com duas alunas praticantes do Candomblé que auxiliaram a disposição dos Orixás que ilustraram o tabuleiro do jogo

### Como jogar?

- ◆ Para caminhar no tabuleiro, cada jogador deverá descobrir o perfil do Orixá descrito na carta por meio de pistas
- ◆ O jogador que acertar ganha o direito de jogar o dado que conterà seis diferentes comandos, indicando o próximo passo do jogador
- ◆ Vence quem chegar primeiro à última casa (no caso, a casa 15)



Tabuleiro



## Dado



## Cartas



**IEMANJÁ**

- Azul
- Cuidado
- Espuma
- Espelho
- Mãe
- Água
- Mar
- Navegantes
- Pescador
- Serela



**EXU**

- Cálculos
- Comércio
- Terra
- Decisão
- Vermelho
- Alegre
- Brincalhão
- Rua
- Encruzilhada
- Padê



**OXUMARÉ**

- Cachoelra
- Luz
- Ar
- Obaluaé
- Infnlto
- Horizonte
- Tesouro
- Tobogã
- Cores
- Arco



**IROKÔ**

- NUVENS
- PLANTA
- AIÊ
- CINZA
- QUIABO
- POVO
- RAÍZES
- ÁRVORE
- TEMPO
- ANCESTRALIDADE



**NANÃ**

Vida  
Criação  
Sabedoria  
Barro  
Mangue  
Senhora  
Pântanos  
Humanos  
Avó  
Roxa



**OXALÁ**

Alturas  
Montanhas  
Sabedoria  
Criação  
Senhor  
Paz  
Branco  
Prata  
Sexta  
Pal



**LOGUNEDÉ**

SABEDORIA  
BALANÇA  
CASAL  
MATAS  
OXUM  
HERDEIRO  
CAÇADOR  
OXÓSSI  
MENINO  
PRÍNCIPE



**OXOSSI**

Verde  
Movimento  
Indígenas  
Animais  
Natureza  
Folhas  
Protetor  
Mata  
Flecha  
Caçador



**OGUM**

Guerreiro  
Aventura  
Ferramentas  
Força  
Liberdade  
Azul  
Agricultores  
Oxóssi  
Ferro  
Metals



**XANGÔ**

Vermelho  
Verdade  
Balança  
Força  
Rel  
Oyó  
Machado  
Oxum  
Justiça  
Trovão



**OBALUAÊ**

Guardião  
Fé  
Doentes  
Feridas  
Oxumarê  
Dança  
Cura  
Pipoca  
Médico  
Palha



**OBÁ**

Oyó  
Rio  
Xangô  
Inocência  
Força  
Escudo  
Espada  
Cozinha  
Arco  
Orelha





**Guardiã  
Xangô  
Beleza  
Gestante  
Água  
Ouro  
Amor  
Rios  
Cachoelra  
Amarelo**

**OXUM**



**Medicina  
Cura  
Chá  
Plantas  
Protetor  
Mata  
Dança  
Folhas  
Sabedoria  
Ervas**

**OSSAIM**



**Vermelho  
Movimento  
Guerra  
Eletricidade  
Coragem  
Céu  
Chuva  
Raios  
Vento  
Tempestade**

**IANSSÃ**





# *Processo de produção*









**Nossos passos vêm de longe!**

## Considerações Finais

**T**razemos, neste Produto Educacional, um convite afetuoso para que docentes de diferentes disciplinas deem um passo a mais rumo a uma educação com perspectiva decolonial. O material elaborado fundamenta a hipótese de que a educação voltada às relações étnico-raciais é uma realidade possível em diferentes componentes curriculares, contemplando inclusive os conteúdos referentes a cada componente e não como algo à parte do processo de ensino proposto pelas diretrizes curriculares. As narrativas outras aqui propostas nos abrem possibilidades múltiplas de aprendizagem a partir de afrossaberes presentes nas histórias dos Orixás.



